



**TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E TEOLOGIA DA MISSÃO
INTEGRAL: ASPECTOS HISTÓRICOS, ÊNFASES E DIFERENÇAS¹**
*Liberation Theology and Theology of Integral Mission: history, emphasis
and differences*

Letícia Oliveira Borges²

RESUMO

Seria a Teologia da Missão Integral um espelho da Teologia da Libertação? Muitos acreditam que Teologia da Missão Integral é uma interpretação evangélica da Teologia da Libertação, no entanto, no decorrer deste ensaio serão delineadas as principais diferenças entre as duas teologias a partir de um breve resgate de suas origens e de alguns de seus preceitos distintivos. A abordagem chega ao resultado de que se trata de dois tipos distintos de teologia, apesar de determinadas proximidades.

Palavras chaves: Missão Integral. Teologia da Libertação.

¹ Artigo recebido em 23 de maio de 2015 e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 18 de junho de 2014, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Letícia Oliveira Borges é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, sediada em Ijuí/RS. É também graduanda em História/Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: leticia-stbi@hotmail.com.

ABSTRACT

Would the Theology of Integral Mission be a mirror of the Liberation Theology? Many believe that the Theology of Integral Mission is an evangelical interpretation of the Liberation Theology, however, throughout this essay, the main differences between the two theologies, from a brief rescue of its origins and some of its distinctive precepts, will be delineated. The approach arrives at the result that they are two distinct types of theology, even though there is certain proximity.

Keywords: *Integral Mission. Liberation Theology.*

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho se propõe investigar e analisar, através de uma revisão bibliográfica, as diferenças plausíveis entre Teologia da Libertação e Teologia da Missão Integral. Muitos acreditam que a Teologia da Missão Integral (TMI) é uma interpretação evangélica da Teologia da Libertação (TdL), cujos principais representantes são católico-romanos. O presente estudo mostrará que existem muitos pontos de encontro; porém, há muitas divergências, e isso desde os seus fundamentos. Enquanto alguns delinham descrições de leitura marxista da Bíblia como sendo a Teologia da Libertação e, referenciais teóricos fundamentais apontam para essa percepção, o mesmo não pode ser descrito da Teologia da Missão Integral, a qual tem como pressuposto fundamental o uso da Bíblia. Começemos então por compreender como cada uma se definiu ao longo dos tempos.

2 BREVE ANÁLISE HISTÓRICA DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

A Teologia da Libertação é um movimento que conglomerava diversas teologias cristãs desenvolvidas no Terceiro Mundo a partir dos anos 70 do século XX, fundamentada na opção pelos pobres contra a pobreza e pela libertação. Ela desenvolve-se primeiramente na América Latina.

De acordo com Francisco Catão, “a Teologia da Libertação é a resposta à problemática pastoral da Igreja, especialmente colocada no contexto latino-americano, em que a luta pela libertação constitui uma exigência fundamental do Evangelho e uma antecipação do Reino de Deus”³. E para tanto deve ser explorada

³ CATÃO, Francisco. **O que é teologia da libertação**. São Paulo: Nova Cultural;

e discutida com afincos diante das questões que encabeçam o nascimento da Teologia da Libertação.

Segundo Alfredo Gonçalves “a Teologia da Libertação nasce na América Latina e Caribe num contexto histórico bem definido”⁴. Gonçalves afirma que três pontos são cruciais para o desenvolvimento desta teologia: primeiro – a situação política, econômica e social do continente, que no momento de sua gênese estavam gestados em regimes militares que governavam países do continente; segundo – o desenvolvimento do marxismo como instrumento de análise social; e terceiro – mudanças no âmbito da Igreja Católica, que, do ponto de vista católico, possibilitaram então o surgimento da Teologia da Libertação⁵.

Em 1955 acontece a Primeira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano no Rio de Janeiro – Brasil. A Igreja Católica Latino-Americana averiguava desde esse momento que a mesma deparava-se estagnada, e isso não versava o número de fiéis que a Igreja possuía, mas sim a laboração na região considerada mais católica do mundo: a América Latina: “Apesar desse levantamento não houve mudanças significativas a não ser a criação da *Comissão para a América Latina*, que ficava sediada em Roma e era responsável pelos problemas da Igreja Católica na América Latina”⁶.

Já na Segunda Conferência, realizada na cidade de Medellín, na Colômbia em 1968, os bispos não mais se inquietaram com os recursos vindos de fora. Eles preconizaram suas reflexões aos pobres e oprimidos mal-aventurados colonizados. Luiz Ernesto Guimarães ressalta que, a partir de então:

Surgiu um comprometimento que criou na teologia uma práxis que se tornasse libertadora, enfocando na condição de sujeitos no processo histórico (dentro e fora do ambiente religioso) a grande massa da população latino-americana, maltratada e desprezada até pela própria Igreja.⁷

Brasiliense, 1986, p. 63.

⁴ GONÇALVES, Alfredo. J. **Gênese, crise e desafios da Teologia da Libertação**. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=28241>>. Acesso em: 26 jan. 2014.

⁵ GONÇALVES, 2014, s.p.

⁶ GUIMARÃES, Luiz Ernesto. **A Teologia da Libertação e o contexto Latino-Americano**. Disponível em: < <http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/LuizEGuimaraes.pdf>> . Acesso em: 21 jan. 2014, p. 6.

⁷ GUIMARÃES, 2014, p. 6.

Para ficar ainda mais claro Leonardo Boff, ao falar dessa “nova” teologia, diz que “não se trata de uma outra fé, mas da fé dos apóstolos e da Igreja articulada com as angústias e as esperanças de libertação dos oprimidos”⁸.

No ano de 1979 o processo de regulamentação da Teologia da Libertação continua em ascensão através de mais uma Conferência do Episcopado latino-americano, realizado em Puebla no México: “Em Puebla, a Igreja, encarregada de anunciar o Evangelho, colabora, mediante uma radical conversão à justiça e ao amor, na transformação das estruturas injustas da sociedade”⁹.

Um dos motivos que fez com que as conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979) tomassem um rumo oposto ao da Primeira Conferência no Rio de Janeiro (1955) foi sem dúvida, o Concílio do Vaticano II (1962-1965) Este concílio esteve focalizado especialmente na Igreja¹⁰.

Ao integrar num contexto a Igreja ao povo latino-americano, houve alterações no processo da práxis cristã. Nessa contextura sucedeu-se a constituição, a partir de 1965, das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), e somente a partir de 1970 que as então CEBs tomam uma maior propulsão¹¹.

Gonçalves ressalta que a realização do Concílio Vaticano II entre 1962-1965 e a busca do diálogo da Igreja com o Mundo modificaram as diretrizes de pensamento dos católicos assim como a Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Medellín, ocorrida na vigência dos regimes militares. E com o florescimento das Comunidades Eclesiais de Base, que, impulsionadas pela Conferência de Medellín e pela pedagogia da ação católica através do método VER-JULGAR-AGIR, lutavam pela transformação social. Para tanto o enfrentamento dos regimes por parte de alguns bispos, quer através de conferências episcopais nacionais, quer por bispos isolados contribuiu significativamente para a construção da Teologia da Libertação¹².

Dentre os nomes que se destacam na Teologia da Libertação estão eles: Gustavo Gutiérrez e Leonardo Boff. “Cada um, ao seu modo, engajou-se na

⁸ BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Como fazer teologia da libertação**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 65.

⁹ CATÃO, 1986, p. 58.

¹⁰ GUIMARÃES, 2014, p. 7.

¹¹ GUIMARÃES, 2014, p. 7.

¹² GUIMARÃES, 2014, s.p.

luta pelas massas pobres que não tinham voz e vez na América Latina”¹³. Eles empregaram a teologia como “um meio que pudesse fazer uma análise crítica da sociedade latino-americana e assim reestruturar a Igreja Católica a partir de uma práxis afirmativa de que o reino de Deus já estava se fazendo valer na América Latina, especialmente entre os oprimidos”¹⁴.

É a partir dessa dedicação de grupos cristãos na política que surge a Teologia da Libertação, como uma reflexão teórica destas experiências.

3 BREVE ANÁLISE HISTÓRICA DA TEOLOGIA DA MISSÃO INTEGRAL

A organização de uma teologia evangélica autóctone, em solo latino-americano, empenhada com a Missão Integral da Igreja, foi delineada primariamente em discussões dos Congressos Latino-Americano de Evangelização (CLADE). Nas palavras de Samuel Escobar: “entre os evangélicos, o início de uma teologia nacional está ligado a um congresso de evangelização que foi o berço da Fraternidade Teológica Latino-Americana”¹⁵.

O primeiro Congresso de Evangelização Latino-Americano (CLADE I), foi organizado em 1969 em Bogotá, amparado, convocado e liderado pela Associação Evangelística Billy Graham (AEBG), com a intenção de ser uma representação continental do Congresso Mundial de Evangelização, que então tinha sido executado em Berlim em 1966, também patrocinado pela AEBG¹⁶.

O primeiro CLADE foi composto por diversos teólogos latino-americanos que buscaram ajustar temáticas de evangelização e discussões acerca dos problemas sociais da América Latina¹⁷. Foi no CLADE I, que René Padilha, Samuel Escobar, Orlando Costa, e outros, acordaram a criação de uma fraternidade de teólogos¹⁸, que então proporcionaria um grupo de discussão e reflexão teológica

¹³ GUIMARÃES, 2014, p. 8.

¹⁴ GUIMARÃES, 2014, p. 8.

¹⁵ ESCOBAR, Samuel. **Desafios da Igreja na América Latina**. Viçosa: Ultimato, 1997, p. 22.

¹⁶ SANCHES, Regina Fernandes. **Teologia da Missão Integral**. São Paulo: Editora Reflexão, 2009, p.96.

¹⁷ SANCHES, 2009, p. 97.

¹⁸ LONGUINI, Luis. **O Novo Rosto da Missão**. Viçosa: Ultimato, 2002, p.164.

a partir da América Latina, isenta de influências estrangeiras.

Após o CLADE I, “manifestações, ainda que tímidas, do desejo de autonomia, dos teólogos latino-americanos”¹⁹ foram delineadas. Foi então que em 1970, é fundada a Fraternidade Teológica Latino-Americana (FTL) em Cochabamba na Bolívia. Com um grupo organizado por vinte e cinco evangélicos, dentre os quais se destacam: C. René Padilha (Equador), Samuel Escobar (Peru), Emílio Antonio Nunez (Guatemala) e Robinson Cavalcanti (Brasil); além de missionários estrangeiros em atividade na América Latina, tais como C. Peter Wagner (norte-americano) e Andrew Kirk (inglês)²⁰. Nas palavras de Longuini, o objetivo da FTL era “buscar um consenso entre os evangélicos, lançando bases para um futuro esforço comuns, com a representatividade de nove denominações, e tinha como tema central ‘A Palavra de Deus’”²¹.

De acordo com Caldas, a FTL “serviu não só para renovar o ambiente de reflexão teológica em círculos evangélicos latino-americanos, como também foi útil a Costas e seus Colegas na busca de uma missiologia evangélica contextual e integral”²².

Já em 1974 na cidade de Lausanne – Suíça, a AEBG organiza um importante evento para o movimento evangélico mundial – o Congresso de caráter interdenominacional com participantes do mundo inteiro, sendo que 50% dos mesmos eram do terceiro mundo²³.

No término do evento um documento foi elaborado, o Pacto de Lausanne²⁴. Conforme Sanches:

O Pacto resultante das discussões de Lausanne elaborou ainda que de forma tímida a questão do compromisso sócio-político e cultural da igreja. Mesmo assim, ele representou uma abertura do evangelicalismo para o tratamento destas questões [...] tornou-se um referencial para o evangelicalismo histórico e mundial, e a presença do Terceiro Mundo no evento foi significativa para esta conclusão. Certamente, o Terceiro Mundo fez ouvir a

¹⁹ SANCHES, 2009, p. 121.

²⁰ CALDAS, Carlos. **Orlando Costas**: Sua contribuição na história da teologia latino-americana. São Paulo: Editora Vida, 2007, p.44.

²¹ LONGUINI, 2002, p. 69.

²² CALDAS, 2007, p. 46.

²³ SANCHES, 2009, p. 99.

²⁴ O Pacto de Lausanne encontra-se disposto em vários sites da internet. Nele encontramos as afirmações sobre vários pontos da Missão e responsabilidade da Igreja. E é através dele que traçaremos as diferenças distintas entre TdL e TMI.

sua voz entre os participantes em geral²⁵.

Ou seja, o documento foi um importante aporte para discussões e reflexões dos CLADES posteriores. Diga-se de passagem, este documento é um marco histórico para a construção de consciência e persistência de uma personalidade evangelical latino-americana, uma vez que os conjuntos de temas que permeiam a Missão Integral interpõem-se a todas as produções da FTL²⁶.

Em 1979, o Segundo Congresso Latino-Americano de Evangelização (CLADE II), em Lima (Peru), é organizado pela direção da FTL. O mesmo abarcou discussões acerca do “espírito da Lausanne”, analisando a realidade latino-americana e a evangelização sob aspectos políticos, socioeconômicos, religiosos, morais, culturais e espirituais²⁷.

Em 1992, o Terceiro Congresso Latino-Americano de Evangelização (CLADE III), foi realizado em Quito (Equador). Este foi considerado uma das reuniões protestantes singularmente importantes do séc. XX, devido à apresentação de vários projetos de missão integral, elaborados por latino-americanos, marcados pelo compromisso e o serviço ao próximo. As discussões desse congresso se delineararam nas diretrizes de “Todo o Evangelho, para todos os povos, a partir da América Latina”. E como não seria diferente ao final do congresso um documento foi produzido – a Declaração de Quito²⁸.

Desde o CLADE I, passando pela fundação da FTL, Pacto de Lausanne, CLADE II e III, a Missão Integral germinou preciosas produções teológicas, através de publicações das discussões desses eventos, boletins teológicos da FTL Continental e FTL Setor Brasil, entre outras obras de autores latino-americanos.

O CLADE IV ocorreu mais uma vez em Quito, no Equador, no ano 2000, explorando reflexões sobre a Missão Integral, seguindo a mesma linha do “espírito de Lausanne” presente nos CLADES anteriores.

Outros congressos, especificamente no Brasil, foram organizados no decorrer dos anos, tais como: O Congresso Brasileiro de Evangelização (CBE), o

²⁵ SANCHES, 2009, p. 100.

²⁶ ZABATIERO, Júlio P. Tavares. Os desafios do Pacto de Lausanne para a igreja de hoje. In: BARRO, Antonio Carlos; KOHL, Manfred W. (Orgs.) **Missão Integral Transformadora**. Londrina: Descoberta, 2005, p. 21-22.

²⁷ LONGUINI, 2002, p. 187.

²⁸ LONGUINI, 2002, p. 202.

primeiro em 1983 e o segundo em 2003; Congresso Nordestino de Evangelização em 1988; os Congressos da VINDE nas décadas de 80 e 90; entre outros. Todos eles amalgamaram discussões acerca da Missão Integral da Igreja.

Compreende-se distintamente que a partir dos CLADES, da organização da FTL, do Pacto de Lausanne e dos Congressos que discutiam o tema nos países latino-americanos a Teologia da Missão Integral foi amadurecendo e desenvolvendo-se principalmente nas questões de evangelização e responsabilidades sociais.

4 DIFERENÇAS ENTRE A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E A TEOLOGIA DA MISSÃO INTEGRAL

Após demonstrarmos os caminhos que foram esboçados por cada teologia percebe-se que ambas têm diferenças distintas. Uma centra-se na leitura marxista, na filosofia de grandes pensadores, e no engajamento de lutas revolucionárias que circundavam a América Latina e, a outra se utiliza, ao que tudo indica, unicamente da Bíblia como referencial para delinear a missão da Igreja, reflete-se sobre ações efetivas de evangelização e responsabilidade social.

Vejamos agora alguns pontos significativos que distinguem cada teologia. Silvio Medeiros afirma sobre a TdL:

Numa voz mais aberta promove entre outras, a idéia de um alavancamento da Igreja Católica dentro do cenário político, apoiando para tanto as ideologias marxistas. Dentro da dialética marxista, tal processo passou a ser denominado “progressista”, em oposição ao “conservadorismo”, [...]. O nome libertação denota a libertação do ser humano de toda e qualquer desigualdade social, hierárquica e mesmo moral, não deixando de ter seu caráter anárquico²⁹.

Ou seja, sua centralidade encontra-se na libertação do ser político e social em meio às adversidades apresentadas no contexto da pobreza na América Latina.

Boff, um dos grandes nomes da TdL, declara: “quando falo em libertação eu entendo concretamente isso: acabar com o sistema de injustiça que é o capitalismo. É libertar-se dele para criar em seu lugar uma nova sociedade,

²⁹ MEDEIROS, Silvio. **Teologia da Libertação no Brasil**. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/doutrina/meditacoes/1425-teologia-da-libertacao-e-frei-boff>>. Acesso em: 24 jan. 2014.

digamos assim, uma sociedade socialista³⁰. Nitidamente seus escritos versam a libertação de um homem político.

Já na TMI, ao que se percebe, busca na missão da igreja o desenvolvimento do ser e, segundo o Pacto de Lausanne, os mesmos afirmam:

[...] que Deus é o Criador e o Juiz de todos os homens. Portanto, devemos partilhar o seu interesse pela justiça e pela conciliação em toda a sociedade humana, e pela libertação dos homens de todo tipo de opressão. Porque a humanidade foi feita à imagem de Deus, toda pessoa, sem distinção de raça, religião, cor, cultura, classe social, sexo ou idade possui uma dignidade intrínseca em razão da qual deve ser respeitada e servida, e não explorada. [...] afirmamos que a evangelização e o envolvimento sócio-político são ambos parte do nosso dever cristão. Pois ambos são necessárias expressões de nossas doutrinas acerca de Deus e do homem, de nosso amor por nosso próximo e de nossa obediência a Jesus Cristo. A mensagem da salvação implica também uma mensagem de juízo sobre toda forma de alienação, de opressão e de discriminação, e não devemos ter medo de denunciar o mal e a injustiça onde quer que existam. Quando as pessoas recebem Cristo, nascem de novo em seu reino e devem procurar não só evidenciar, mas também divulgar a retidão do reino em meio a um mundo injusto. A salvação que alegamos possuir deve estar nos transformando na totalidade de nossas responsabilidades pessoais e sociais. A fê sem obras é morta³¹.

Sendo assim, compreende-se que o pacto fala claramente de uma teologia de missão que abraça o envolvimento sócio-político. Esse envolvimento sócio-político deve vir acompanhado de uma evangelização fiel e relevante ao seu contexto e deve ser capaz de evidenciar claramente a preocupação holística de Deus com todas as pessoas, bem como com a justiça. Eles buscam uma releitura da Bíblia à luz do seu próprio crescimento, processo de reorganização e emergência pública.

Outro aspecto a ressaltar é a interpretação bíblica das Escrituras e, por conseguinte a interpretação da salvação do homem, uma vez que a teologia da libertação busca demonstrar através da Bíblia uma nova interpretação global do Cristianismo. Ela explica que o Cristianismo como uma práxis de libertação pretende constituir-se, ele mesmo, como um guia para tal práxis. Segundo essa teologia, toda realidade é política, inclusive as Escrituras Sagradas e a salvação pois, a TdL afirma que o pobre é o lugar de salvação e, por isso, a Salvação se dá

³⁰ BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 70.

³¹ **Pacto de Lausanne, 1974**. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/credos/Pacto_de_Lausanne.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2013.

por meio do pobre. Sendo assim a libertação é um conceito político e o guia rumo à libertação deve ser um guia para a ação política.

Para a TdL, a libertação é conquistada pela via política, e não pela Redenção de Jesus, o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29). Jesus veio para “salvar o seu povo dos seus pecados” (Mt 1.21). Ou seja, o pecado para a TdL se resume quase que só no pecado social, que será arrancado com a conversão e com os Sacramentos da Igreja, mas com a libertação do povo pela luta política. Essa é uma das interpretações bíblicas da TdL.

Agora, segundo a TMI, o próprio Pacto de Lausanne deixa claro que o mesmo acredita na:

[...] inspiração divina, a veracidade e autoridade das Escrituras tanto do Velho como do Novo Testamento, em sua totalidade, como única Palavra de Deus escrita, sem erro em tudo o que ela afirma, e a única regra infalível de fé e prática. Também afirmamos o poder da Palavra de Deus para cumprir o seu propósito de salvação. A mensagem da Bíblia destina-se a toda a humanidade, pois a revelação de Deus em Cristo e na Escritura é imutável. Através dela o Espírito Santo fala ainda hoje. Ele ilumina as mentes do povo de Deus em toda cultura, de modo a perceberem a sua verdade, de maneira sempre nova, com os próprios olhos, e assim revela a toda a igreja uma porção cada vez maior da multiforme sabedoria de Deus³².

Para a TMI a Bíblia é a única raiz para os questionamentos transcendentais da humanidade e sua salvação. Ela é a revelação de Deus para o homem libertar-se segundo a verdade que a mesma contém.

Outro ressalva é o aspecto como as duas teologias tratam a percepção do Ministério de Jesus. Enquanto a TdL trabalha o ministério de Cristo como algo revolucionário que transcende os limites do contexto em que o homem está inserido, a TMI compreende o ministério de Cristo como a graça de Deus para com o homem por inteiro, completo em suas interações sociais e, espirituais.

Esses são apenas alguns aspectos dentre muitos outros que poderíamos destacar das diferenças entre cada teologia.

³² **Pacto de Lausanne, 1974.** Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/credos/Pacto_de_Lausanne.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2013.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas leituras realizadas percebe-se que a TdL buscou como foco principal de seus preceitos a libertação do homem da pobreza e por vezes, esta pobreza toma o lugar do Cristo libertador. Ao que tudo indica, a fé foi politizada, causando uma imensa confusão e agitação na Igreja.

Já a TMI percebe a relação entre cristianismo e política como algo que não pode ser confundido com a relação entre igreja e estado. Ao que tudo indica parece que a TMI é uma teologia bíblica que centra toda a reflexão teológica na definição da natureza intrínseca do próprio evangelho. Em pormenores a TMI vê como cumprimento da grande comissão de Cristo à luz do Mandato Sócio-Cultural do Gênesis.

É visto que as duas se distinguem tanto historicamente quanto em seus preceitos delineadores. Cabe ao leitor aprofundar-se ainda mais nos mínimos pormenores que as duas teologias têm a oferecer, traçando suas próprias conclusões. Certo é que as duas são nitidamente destoantes.

REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- BOFF, Clodovis. **Como fazer teologia da libertação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CALDAS, Carlos. **Orlando Costas**: Sua contribuição na história da teologia latino-americana. São Paulo: Editora Vida, 2007.
- CATÃO, Francisco. **O que é teologia da libertação**. São Paulo: Nova Cultural; Brasiliense, 1986.
- ESCOBAR, Samuel. **Desafios da Igreja na América Latina**. Viçosa: Ultimato, 1997.
- GONÇALVES, Alfredo. J. **Gênese, crise e desafios da Teologia da Libertação**. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=28241>>. Acesso em: 26 jan. 2014.
- LONGUINI, Luis. **O Novo Rosto da Missão**. Viçosa: Ultimato, 2002.
- MEDEIROS, Silvio. **Teologia da Libertação no Brasil**. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/doutrina/meditacoes/1425-teologia-da-libertacao-e-frei-boff>>. Acesso em: 24 jan. 2014.
- PACTO DE LAUSANNE, 1974. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/credos/Pacto_de_Lausanne.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2013.
- SANCHES, Regina Fernandes. **Teologia da Missão Integral**. São Paulo: Editora Reflexão, 2009.
- ZABATIERO, Júlio P. Tavares. Os desafios do Pacto de Lausanne para a igreja de hoje. In: BARRO, Antonio Carlos; KOHL, Manfred W. (Orgs.) **Missão Integral Transformadora**. Londrina: Descoberta, 2005.